

Reação à Palestra de D. W. Jesudoss

Naaman Laiser

O Dr. Jesudoss abriu a parte principal de sua palestra com um exame da justificação pela fé que lidou com duas questões. Uma delas é a exposição da justificação assim como ocorre em sua palestra, consistindo na focalização de suas principais idéias, que tinham grande importância para a palestra. Em segundo lugar, ele apresentou a missão. Aqui o autor enfatizou o contexto multirreligioso e multicultural do Terceiro Mundo, e não evitou uma breve, porém relevante palavra sobre a Índia, sua terra natal. Então o Dr. Jesudoss envolveu-se na desafiadora discussão a respeito do repensar da teologia de Lutero. A seguir, apresentou suas observações conclusivas.

As coisas que percebi em seu enfoque da justificação incluem a justificação de Deus que é vista através da dinâmica de um tribunal de justiça. Para o autor, esta concepção efetivamente se livrou do que ele chamou de “amor agapético”. De acordo com nosso autor, a exposição de Lutero a respeito da justificação não podia ser separada da justiça nem ser plenamente compreendida sem fazer referência à “realidade de Deus como juiz”. Neste sentido, então, as motivações de Lutero em seu ensino sobre a justificação incluíam, de acordo com o Dr. Jesudoss, uma justiça legal objetiva e a concepção de um Deus que causava medo ao homem através de seu papel como juiz na vida do homem.

Em sua discussão da missão, em que sublinhou o contexto multirreligioso e multicultural, nosso autor afirmou que o próprio contexto deve ser um objeto de preocupação para a atividade missionária. Para rematar sua idéia, referiu-se a Braaten, que teria exigido a necessidade de envolver-se com as religiões do mundo no curso do exercício da missão. Também mostrou a lamentação de Ludwig de que os luteranos são lentos em tal envolvimento, atendo-se apenas “à sua valiosa confissão de fé, que tem pouco a dizer sobre o papel e a influência de outras religiões sobre o cristianismo”. Ele apelou a uma série de outras autoridades, incluindo o CMI e Ariarajah, que lamenta o fato de que os teólogos do Terceiro Mundo se prendam a estruturas ocidentais ao fazer teologia. Também desejou que autores bíblicos “universalistas” como Isaías, Rute e Amós formassem a base para a educação e a literatura teológicas. Outra pessoa a quem fez referência é Amirtham. A breve discussão sobre a Índia indicou a relevância de se ensinar o sofrimento vicário por causa da experiência feita naquele país no tocante à perversão da justiça.

O repensar da teologia de Lutero foi apresentado no contexto da afir-

mação de que muita coisa mudou desde a época de Lutero. Hoje em dia o homem se volta para Deus não em temor, mas em busca de amor. Ele não está à procura de um Deus gracioso, e sim de uma vida com sentido. Braaten advoga uma teologia teocêntrica, ao invés de cristocêntrica. A Quarta Assembléia da FLM sugeriu mudanças na compreensão da Escritura por causa dos resultados do método histórico-crítico e suas descobertas, e que a justificação deveria ser reexaminada. Bonhoeffer tinha falado do “homem que atingiu a maioridade” e do secularismo cristão, e que, se Lutero viesse hoje, diria o contrário do que disse antigamente. É neste ponto que o autor desenvolveu a afirmação de que “viver uma vida cristã não significa seguir certas regras, mas ser humano”, referindo-se à maneira como Jesus se envolveu com os doentes nas curas, com os pecadores, recebendo as crianças, etc. Uma coisa perturbou o autor: é o problema que ele chama de crenças não-batizados; queria saber o que fazer com eles. Ao encerrar, nosso autor nos lembrou que, desde a época de Lutero, a compreensão de fé, justificação, Igreja, gentios, missão, religiosidade pagã mudou. Ele não poderia mais imaginar uma compreensão de justificação que não se relacionasse com os direitos humanos, a luta pela liberdade, o método democrático, justiça social “e outros aspectos de nosso contexto multirreligioso e multicultural”. Outro problema que o autor mencionou ao concluir é o da linguagem teológica, que não poderia relacionar-se com a pessoa mediana. Ela não deveria ser tão elitista ao ponto de não conseguir comunicar-se com a pessoa comum. Um problema muito maior do que o da linguagem é o das estruturas. Ele sugere que se deveriam desenvolver novas estruturas para fazer teologia, e efetivamente um novo início foi feito nessa direção.

Essa apresentação impressionista da justificação pela fé e da missão num contexto multirreligioso e multicultural me deixa com a sensação de que a justificação foi ultrapassada pelos acontecimentos e não tem mais conseqüências para a missão nesse tipo de contexto. Visto que essa espécie de contexto pode ser encontrada em todo o mundo, resulta daí o quadro da carência de sentido da missão e da necessidade de expressar a preocupação cristã unicamente de acordo com o tipo de diálogo que busca participar das realidades sócio-econômicas dos demais seres humanos. Mas então algo fica apoquentando minha mente: visto que ainda não atingimos de todo esse estágio em nossa perspectiva teológica e nas expressões da fé cristã em geral em todo o mundo, que forma alternativa deveria a justificação assumir num contexto multirreligioso e multicultural para que continue a desempenhar certo papel na apresentação da fé cristã? Podem existir problemas legítimos na explicação atual desse conceito no empenho missionário, e talvez não seja equivocado esperar que pelo menos os grupos de discussão tenham condições de não só compartilhar esses problemas, mas encontrem uma maneira de perpetuar uma compreensão da Igreja cristã que continue a considerar a posse de uma alternativa para a humanidade como uma auto-imagem significativa, que vale a pena manter.